

Da sexualidade das avós a de suas netas: um estudo qualitativo em três gerações*

2

Elza Maria L. Ubeda**
Maria das Graças B. Carvalho***
Romeu Gomes****

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar o significado da sexualidade em três gerações. A coleta dos dados se apoiou em entrevistas de profundidade, dentro de uma perspectiva de pesquisa qualitativa. Foram estudados cinco grupos, compostos cada um de uma adolescente, sua mãe e a avó, perfazendo, assim, quinze entrevistadas, residentes no município de São Carlos-SP. A interpretação das entrevistas baseou-se em aspectos da Técnica de Análise de Conteúdo, modalidade Temática. Entre os principais resultados do estudo, conclui-se que nas três gerações encontram-se presentes valores morais que, de uma certa forma, regularizam a sexualidade. Entretanto, esses valores não são construídas apenas a partir de um

* Pesquisa realizada com apoio da FAPESP. Projeto temático: "Sexualidade e Adolescência".

** Doutora em Enfermagem. Professora Adjunto do Depto. de Enfermagem da Universidade Federal de São Carlos.

*** Doutora em Enfermagem. Professora Titulo do Depto. de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP.

**** Doutor em Saúde Pública. Pesquisador do IFF/FIOCRUZ.

Recebido em 10.04.00

Aprovado em 30.04.00

processo de reprodução, mas se atualizam segundo o momento vivenciado pelos sujeitos.

Palavras-chave: Sexualidade, Adolescência, Gerações e Saúde.

1 – INTRODUÇÃO

O presente estudo faz parte da pesquisa *Adolescência e Sexualidade*, desenvolvida pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – EERP da Universidade de São Paulo – USP, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo – FAPESP. Com essa pesquisa busca-se aprofundar os conhecimentos sobre a sexualidade na adolescência, com vistas a subsidiar ações de saúde e um melhor planejamento da assistência dentro da enfermagem e da odontologia.

Falar de sexualidade, segundo Foucault (1985), comumente, significa falar de repressão. Entretanto, sem descartar a possibilidade de haver repressão acerca dessa temática, o autor observa que há um vasto conjunto de discursos em torno do sexo, nos três últimos séculos, que está muito mais voltado para a maneira de tornar a sexualidade aceitável e útil do que reprimi-la. “*Através desses discursos, ao invés de se censurar o sexo, procurou-se dizer tudo sobre ele com o objetivo de se obter deslocamentos, reorientação e modificação do desejo.*” (Gomes, 1996: 74)

A moralidade e a racionalidade têm sido o eixo desses discursos. Falar sobre o sexo necessariamente não significa demarcar o lícito e o ilícito. Mas pode está se referindo a um padrão ótimo de funcionamento para o bem de todos. Para Foucault, “*O sexo não se julga apenas, administra-se.*” (1985: 27)

Giddens (1993) observa que Foucault, com sua hipótese não-repressiva, pretende assinalar que o poder necessariamente quer estabelecer limites, mas antes de tudo é um fenômeno mobilizador. No campo da sexualidade, o poder passa a servir de instrumento para a produção do prazer, ao invés de a ele se opor simplesmente. Assim, o sexo é “*algo que pode ser subordinado como um foco de controle social pela própria energia que, impregnada de poder, ela gera.*” (Giddens, 1993: 28)

Estudar a sexualidade através do diálogo inter-geracional pode ser um caminho para melhor se compreender como os padrões sexuais se estruturam e como a interpretação, nesse campo, adapta esquemas do passado às situações do presente. Saber como, nessa trajetória, se insere a administração sexual na ordem simbólica e como socialmente em torno da sexualidade se definem padrões é de fundamental importância para que se possa definir e promover ações de saúde voltadas para a adolescência.

É a partir dessa perspectiva que se configura o presente estudo que tem como objetivo analisar o significado da sexualidade em três gerações. Com esse objetivo, acredita-se que, de um lado, melhor se entenda a sexua-

lidade do adolescente e, de outro, é possível estabelecer o diálogo entre pais e filhos no nível das ações de saúde voltadas para essa temática.

2 – METODOLOGIA DO ESTUDO

A metodologia do presente trabalho baseia-se na abordagem de pesquisa qualitativa, uma vez que se acredita ser essa abordagem a mais adequada para se pesquisar significados, crenças e valores. Assim, a análise aqui desenvolvida procura focalizar a complexidade dos fatos registrados e não para a extensão dos mesmos. (Minayo, 1992; Goldenberg, 1997)

A coleta dos dados se apoiou em entrevistas de profundidade, em que se procurou estabelecer uma conversa dirigida entre pesquisador e pesquisados em torno da temática do estudo, sem que houvesse perguntas fechadas a serem submetidas a todos os sujeitos estudados. Basicamente, as entrevistas contemplaram o seguinte roteiro: Como era a sexualidade no passado e como é hoje? Quais são os assuntos sexuais que mais se destacam nas diferentes gerações? Como era o processo de informações sobre a sexualidade feminina nas gerações passadas e como é na adolescência? Esse roteiro, na realidade, foi um simples pretexto para se captar a fala dos sujeitos nas entrevistas, buscando entender a sua lógica e mapeando o processo pelo qual se estruturam as opiniões.

A técnica de interpretação das entrevistas baseou-se em aspectos da Técnica de Análise de Conteúdo, modalidade Temática. A técnica de análise temática *“consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido.”* (Bardin, 1979: 105). Além de se buscar respostas para questões, com essa técnica pode-se caminhar na direção da *“descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo analisado.”* (Gomes, 1994)

À luz dessa perspectiva, o tratamento dos dados, em geral, seguiu as seguintes fases: pré-análise (organização do material); exploração do material (com sucessivas leituras) e tratamento dos resultados. Através do confronto dos diferentes núcleos de sentido presentes nas entrevistas, estruturaram-se as temáticas, núcleos de sentido mais abrangentes, em torno das quais se articulavam as representações sociais acerca da sexualidade.

3 – OS SUJEITOS ESTUDADOS

A opção da escolha dos sujeitos de estudo recaiu no gênero feminino. Isso ocorreu porque os autores do estudo partilhavam da idéia de que, na organização social, em geral, cabe à mulher o papel de educar os filhos, assumindo uma posição de fundamental importância na transmissão dos

valores socialmente aceitos. Por outro lado, como observa Goméz (1993), as mulheres contribuem com quase a totalidade dos serviços de atenção informais e não-remunerados, exercendo uma influência significativa sobre as condutas de saúde das pessoas em geral. Helman (1994) também enfatiza o papel da mulher no campo da saúde, destacando que *“em quase todas as culturas a maior parte da atenção primária à saúde ocorre dentro da família e, no setor informal, os principais responsáveis pela assistência à saúde são, em geral, mulheres – mães e avós.”* (p. 144)

O fato de a fala das mulheres ter sido escolhida, neste estudo, não significa que se deixou de lado o papel masculino na estruturação das representações sociais. Levou-se também em consideração a presença ou ausência do papel masculino nessas falas na formulação das opiniões acerca do objetivo de estudo.

As mulheres foram selecionadas no Município de São Carlos, interior do Estado de São Paulo. Essa escolha se deve simplesmente ao fato de a pesquisadora responsável pelo estudo residir e trabalhar (na Universidade Federal de São Carlos) nesse município.

Na seleção das mulheres, seguiu-se uma prática bastante usual em pesquisa sobre os universos familiares (Velho, 1982; Vaitsman, 1994), em que pessoas conhecidas do pesquisador indicam outras a serem entrevistadas, que, por sua vez, indicam outras conhecidas.

Os critérios de inclusão basicamente recaíram no fato de se escolher adolescentes do sexo feminino que tivessem mães e avós vivas e que estas últimas se dispusessem em participar também do estudo.

Foram estudados cinco grupos, compostos cada um de uma adolescente, sua mãe e a avó, perfazendo, assim, quinze entrevistadas. Esse número não refletiu uma representatividade numérica. A preocupação maior deste estudo qualitativo, foi *“menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão”* (Minayo, 1992: 102). Esse quadro de entrevistadas possibilitou uma análise qualitativa porque nele percebeu-se uma certa reincidência das informações.

As avós entrevistadas se situavam na faixa etária de 56 a 70 anos, sendo duas viúvas, duas casadas e uma divorciada. Das cinco, quatro apresentavam escolaridade compatível à primeira fase do ensino de primeiro grau, ou seja de primeira a quarta série, apenas uma tinha segundo grau completo. Todas tinham filhos e netos de ambos os sexos, uma delas ainda tinha bisnetos. Apenas uma das avós trabalhava, as demais eram aposentadas ou recebiam benefício do INSS (aposentadoria do cônjuge).

As mães, na época da coleta de dados, pertenciam à faixa de 33 a 45 anos. Três eram casadas, uma divorciada e uma solteira. Três delas possuíam nível superior e as demais segundo grau completo, sendo duas professoras, duas “do lar” e uma secretária. Três tinham filhos de ambos os sexos e apenas duas tinham filhas, sendo que uma delas só a adolescente que participou do estudo.

Das adolescentes, que tinham entre 13 a 15 anos, três eram alunas do ensino de segundo grau.

4 – RESULTADOS DO ESTUDO

A análise dos dados do estudo, de início, revelou que os sentidos das falas, independentemente do posicionamento familiar (avó, mãe e neta) em que eram produzidas, apresentavam padrões comuns que refletiam permanências culturais que foram se estruturando ao longo de gerações. Esses conteúdos que atravessaram as falas dos diferentes papéis familiares exercidos pelas mulheres estudadas possibilitaram a constituição de temas que serviram de eixo para a discussão da sexualidade.

Aprofundando a interpretação das estruturas de relevâncias para as autoras das falas analisadas, percebeu-se que no confronto entre as gerações, paralelamente aos pontos comuns, eram demarcadas diferenças que traziam não só estilos distintos, como também conteúdos diferenciados por gerações.

Assim, no limite dos encontros e dos distanciamentos das gerações, procurou-se desenvolver a discussão que se segue, em torno de temas, tendo a preocupação de, ao mesmo tempo, ressaltar aspectos comuns e demarcar especificidades. Outra preocupação que se encontra implícita na exposição dos resultados dos estudos se refere ao fato de o texto ser constituído de falas das mulheres, interpretação dos pesquisadores e falas de outros estudos, estruturando-se numa única trama, atravessadas por fios distintos que formam um único tecido. Essa configuração não reflete apenas um estilo de forma, mas aponta para o princípio hermenêutico que *“concebe o intérprete e seu objeto como momentos do mesmo contexto. Esse contexto objetivo se apresenta como tradição, entendida aqui como uma linguagem transmitida na qual vivemos.”* (Minayo, 1992: 223)

A sexualidade envolve um monte de coisas

Num primeiro momento, ao serem perguntadas sobre o que era sexualidade, algumas entrevistadas, aprontavam a palavra *sexo*, uma vez que, por associação, *“sexualidade é questão de sexo”* (Avó 5) e porque *“o sexo é muito forte ainda, domina muita coisa”* (Avó 3). Sexo entendido por elas como o ato sexual em si.

No decorrer dos discursos, essa associação mecânica ia deixando espaço para uma ampliação do significado da sexualidade. Assim, a sexualidade para as mulheres estudadas constitui a idéia de que *“não envolve só sexo”* (Avó 2), uma vez que ela *“envolve um monte de coisas”* (Mãe 1),

enfim “*é muito mais, não só ficar pensando em sexo*” (Neta 2) porque “*não é só questão de atração, relacionamento sexual*” (Neta 1).

Essas falas se relacionam com a de Foucault (1985) quando aborda a abrangência da sexualidade. Ele observa que essa expressão aparece pela primeira vez no século XIX. Para ele, com o emprego da palavra *sexualidade*, pretende-se apontar que existe algo mais do que órgão, funções, sistemas anátomo-fisiológicos, enfim algo mais do que o corpo. Baseando-se em Foucault, Giddens (1993) chama atenção para o fato de a sexualidade ser uma elaboração social que opera nas áreas do poder, não sendo apenas estímulos biológicos que têm ou não uma liberação direta.

O fato de a sexualidade ser mais do que sexo não deve conduzir a uma rápida conclusão no sentido de se tratar de instâncias separadas. Foucault (1985) observa que o sexo é “*o elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais interior, num dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas captações dos corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres.*” (p. 145)

Se a sexualidade é mais do que sexo, o que vem a ser esse algo mais? Várias respostas foram dadas para essa questão porque “*sexualidade envolve um monte de coisa, de relacionamento, paquera*” (Mãe 1). Para as avós, “*o amor e o respeito é a base*” (Avó 1); “*respeito, exige amor, confiança.*” (Avó 5) “*Envolve a questão do companheirismo, do carinho, do amor, do respeito e da questão dos limites, da religião, não só o corpo é também o emocional.*” (Avó 5). Assim, “*antigamente tinha um namorado, precisava gostar muito dele para fazer sexo, hoje em dia não, tá banal isso aí.*” (Avó 4)

Segundo as mães, a sexualidade “*está envolvida com várias coisas, com tudo, com toda vida, com o instinto, com reprodução, com o amor, com o carinho.*” (Mãe 5) É “*ter uma vida saudável e ter prazer na vida... é se conhecer, se relacionar.*” (Mãe 2) “*Deve ser uma coisa bastante completa.*” (Mãe 3) Por isso, ela deve ser “*muito bem direcionada, que ela seja assim realmente com parceiro que você goste que te traga alguma coisa positiva.*” (Mãe 1) Não é só o corpo, “*mas todo o aspecto social, cultural, antropológico que tá envolvido, que tá embutido num determinado modelo de sexualidade.*” (Mãe 2) Em síntese, a “*sexualidade está em tudo... você nasce da sexualidade, ela gera tudo na vida, é uma coisa bonita quando aparece.*” (Mãe 5)

As adolescentes também não reduziram a sexualidade ao sexo. Destacaram que a “*sexualidade envolve carinho, atenção, às vezes ter que sacrificar para agradar outra pessoa, envolve um monte de coisas.*” (Neta 1) Ela “*é uma relação entre duas pessoas que se gostam.*” (Neta 4) “*Tem a ver com sentimentos, amor, carinho que as pessoas têm com ela mesma e com outras pessoas para satisfazer, para uma busca de alegria, felicidade e que envolve sexo, relacionamento.*” (Neta 5)

Nas falas das três gerações acerca da sexualidade, ressaltam-se pontos de encontro, apesar de revelarem estilos distintos, em termos de expressão.

A dimensão afetiva é o que une essas falas, apontando para o fato de que não basta exercer o ato sexual; é preciso sentir, gostar. No que se refere aos sentimentos relacionados à sexualidade, Loyola (1998), observa que amor e carinho estão ligados ao sexo na mulher, sendo elementos constitutivos de sua sexualidade. Segundo a autora, na relação de prazer a mulher não separa sexo e amor, há todo um envolvimento do seu corpo, não necessariamente localizado no órgão sexual.

Os sentimentos foram referidos para o desenvolvimento da sexualidade, como foi visto nos depoimentos. No entanto, os afetos não se autodeterminam. Eles se inserem numa ordem moral, tendo como conseqüência a existência de uma certa disciplina no sentido de conduzir ou administrar a sexualidade a partir de códigos de comportamentos.

A partir desses códigos surgem os limites, que foram mais visíveis nas falas das avós e das mães. Era dada uma "liberdade vigiada" (Avó 1) porque a sexualidade se relaciona à "questão dos limites" (Avó 5). "Limite a gente sabe que existe" (Mãe 2) por causa de "um modelo de sexualidade" (Mãe 2).

Já na fala de uma das adolescentes constatou-se que a consciência dos valores morais faz com que haja uma preocupação quanto ao ato sexual. Essa adolescente "tinha medo de acontecer coisa, assim que pudesse causar uma conseqüência mais tarde..." (Neta 1)

Entre as entrevistas também verificou-se uma fala recorrente em relação ao fato de que o ato sexual só pode ser exercido a partir de um certo preparo. Interessante que essa concordância de opinião ocorreu mais entre as avós e as adolescentes. Assim como as avós disseram que "no meu tempo a gente fazia sexo quando achava que era uma coisa madura" (Avó 2) e todas as adolescentes disseram que "ainda não era hora" de ter relações sexuais, denotando que, mais do que colocar em funcionamento os aspectos instintivos, o ato sexual demanda de um certo preparo, principalmente em termos psicológicos.

Sem se adotar uma atitude de generalização, pode-se concluir que a necessidade desse preparo pode apontar para o fato de as adolescentes valorizarem o ato sexual. Essa valorização, expressadas pelas netas, contraria, de uma certa forma, a idéia do senso comum acerca da existência de uma banalização do sexo. Na falta de algumas avós, observou-se ecos de senso comum, quando disseram que "a mocidade de hoje não se resguarda mais" (Avó 3) porque "fazer sexo, hoje em dia, tá banal." (Avó 4) Com isso, de um certo modo, as avós revelaram que não estão sabendo ouvir as suas netas ou talvez não estão dialogando com elas acerca do assunto.

Zagury (1996), em seu estudo realizado com adolescentes em sete capitais brasileiras, concluiu que, apesar de a maioria dos jovens se sentir livre sexualmente, não implica necessariamente que haja uma promiscuidade. Segundo a autora, eles não ficando *transando* com todos e com qualquer um; revela a existência de uma certa ética em seu comportamento.

Na ordem cultural onde se insere a sexualidade, foi destacado que os padrões de conduta se diferenciam entre os gêneros *“porque a menina é de um jeito e o menino é de outro.”* (Avó 2) Segundo uma avó, no passado a mulher aprendia com o homem porque *“sempre o homem é o mais esperto, mais sabido, as pessoas ficavam sabendo isso daí com o marido”* (Avó 3). Entre as mães, essa idéia se confirmou, quando uma delas diz que aprendeu *“o que era sexualidade no convívio com o marido”* (Mãe 4). Da geração das avós para a das mães houve mudança quanto aos papéis desempenhados pelos gêneros, mas *“existe ainda essa diferença entre menino pode tudo, menina pode nada.”* (Mãe 1) As netas, de um lado, também reconheceram diferenças entre os gêneros, quando observaram que *“meninos pensam muito em sexo”* (Neta 1) e, de outro, a negaram, dizendo que *“não tem nenhuma diferença entre menina e menino... só que hoje as meninas ficam com a cabeça melhor antes que os meninos”* (Neta 3). Interessante destacar que nesta última fala, ao mesmo tempo, a diferença é negada, em termos de liberdade, e reconhecida, no que se refere à maturidade.

Vazamentos, informações e outras preocupações

Na época das avós, uma das grandes preocupações se relacionava à primeira menstruação. Era uma preocupação comum porque *“vazamento era uma coisa que acontecia com a mulher”* (Avó 2). A menstruação, de uma forma ou de outra, apontava para necessidade de se buscar informações acerca do que estava acontecendo. No bojo dessas informações, nem sempre o foco ficava no acontecimento fisiológico em si, ampliava-se para questões ligadas ao sexo. Entre o informar com o risco de cair nessas questões e o ignorar o fato, a segunda opção era a mais escolhida. Assim, *“ninguém dizia nada... tinha aquele ditado que dizia que o mundo ensina.”* (Avó 3) Era tudo *“muito oculto, as pessoas tinham vergonha de falar.”* (Avó 4) As meninas iam crescendo e *“não tinham diálogo com pai, com mãe, com professor, com ninguém.”* (Avó 2)

As mães já não viveram tanto o problema da falta de informação acerca do fato de uma adolescente menstruar. Mas a informação ficava restrita a esse campo, uma vez que permitia-se *“aula sobre menstruação, mas educação sexual não.”* (Mãe 3) Sobre as questões relacionadas ao sexo *“não se conversava muito sobre essas coisas em casa”* (Mãe 1). Por conta de não se conversar muito, havia mãe que *“não sabia que estava grávida ou não e achava que ficar grávida era sentar em algum lugar... imaginava isso”* (Mãe 4). A *“educação sexual foi na raça”* (Mãe 3), buscando *“informações, conhecimentos com as amigas, lendo livros... às vezes até procurava um livro mais pesado... foi desse jeito com as amigas mesmo, na escola de jeito nenhum, em casa... ninguém falava”* (Mãe 5).

Em termos de informações acerca do sexo, a televisão constitui-se, na fala das entrevistadas, em *locus* privilegiado. Em função disso, “*hoje tá mais fácil falar, hoje a própria TV já ensina.*” (Avó 4) As mães sentem que hoje nada há em que esconder, até “*porque a TV já mostrou tudo*” (Mãe 3), fazendo com que as adolescentes já ouviram “*falar de sexualidade na TV.*” (Neta 4)

A televisão também sofre sérias críticas por parte de algumas entrevistadas. Para algumas, a TV trouxe informações, mas não sabem se é “*para ajudar ou pra atrapalhar*” (Avó 5), porque “*às vezes até são coisas que favorecem e às vezes não.*” (Avó 4) Outras disseram que “*a TV não instrui, ela assusta, libera, não mostra o lado bom da coisa, mostra o lado ruim*” (Mãe 3); dá medo porque o modo pelo qual se mostrar “*não é correto*” (Mãe 5), não passa “*o sexo saudável que deve ser*” (Mãe 4). Seguindo esse raciocínio, “*uma relação sexual que passa na TV.. não é uma coisa boa para o adolescente*” (Avó 4); também “*o homossexualismo... que não devia ser tão divulgado*” (Mãe 4); enfim, “*o que se vê na TV é só sexo, bumbum...*” (Avó 5); ela “*vulgarizou o sexo*” (Mãe 3).

No que se refere a preocupações relacionadas à sexualidade, a Aids se destaca em todas as três gerações. Segundo as avós, devido a uma vida desregrada hoje há mais doenças, “*principalmente a Aids*” (Avó 4), vista por algumas como fruto de atitudes irresponsáveis frente ao sexo “*conseqüências que podem vir*” (Avó 3) e “*é o que tá aí, essa loucura dessa Aids... por causa dessa liberdade excessiva de fazer sexo sem responsabilidade.*” (Avó 2) Por conta disso, “*tem filha adolescente que precisa de muito cuidado, com essa Aids que tá aí.*” (Avó 2) Frente a isso deve haver muita orientação porque “*o pessoal acha a Aids uma coisa distante que com ele não vai acontecer.*” (Mãe 1) Por isso, “*tem que ficar bem esclarecido porque nos dias de hoje anda várias doenças.*” (Neta 1) Outra adolescente disse que entre os problemas que conversa com as amigas destacam-se “*drogas, Aids, gravidez*” (Neta 5).

Zagury (1996) concluiu que o resultado obtido acerca do conhecimento sobre a transmissão da Aids não foi suficiente, dada a gravidade da doença, uma vez que os adolescentes com nível excelente de conhecimento sobre a transmissão não chegaram a 50% do conjunto de seus 943 entrevistados. Esse fato sinaliza a necessidade de se discutir mais essa temática com elas.

Outro estudo, realizado na região metropolitana de São Paulo, com 41 adolescentes, revelou que, entre as preocupações sexuais de mulheres, as temáticas *doenças*, que inclui a Aids e as DSTs, entre outros agravos, e *gravidez* foram as que mais se destacaram (Carneiro et al, 1997).

A gravidez na adolescência é preocupação referida pelas entrevistadas em geral. Para as avós “*a menina com 11 anos grávida... uma judiação, um pecado essas meninas com essa idade, meninas, acabam perdendo toda a vida.*” (Avó 2) Isso ocorre, segundo elas, por causa da “*liberdade... é o tal negócio a menina fica grávida sem gostar, sem gostar, aí fica grávida,*

acham que já devem casar, então que casamento com 14-15 anos, penso que não deviam casar mesmo ficando grávida, tem o filho em casa..." (Avó 5) "*Tá tão banal que as meninas fazem sexo com qualquer um, às vezes para ganhar dinheiro, mas fazer sexo com qualquer um.*" (Avó 4) Às vezes, segundo uma avó, a própria mãe incentiva essa liberdade, quando pede para a filha ter um sexo seguro para não engravidar, "*onde se viu uma mãe falar pra filha – toma cuidado, você não fica grávida.*" (Avó 3) A discussão acerca do sexo e da contracepção é complexa porque muitos pais ainda receiam que o diálogo sobre sexo seja um incitamento a uma atividade pré-marital socialmente não desejada (Stevens-Simon & Kaplan, 1999).

As mães também acham que "*as meninas estão muito mal orientadas... têm que prevenir... gravidez*" (Mãe 4). Mas, às vezes, é um assunto complicado porque "*dando camisinha pra menina, pra tomar anticoncepcional*" (Mãe) pode parecer que está liberando geral sem limites e pode ser visto como falta de cuidado.

Entre as adolescentes, costuma-se "*conversar com amigas... de problemas... gravidez*" (Neta 5). "*Também na escola fala-se disso... várias amigas adolescentes que já ficaram grávidas*" (Neta 4). Assim, as adolescentes têm "*que se cuidarem para evitar doenças e gravidez indesejada.*" (Neta 1)

Ampliando a discussão sobre a gravidez na adolescência, vem se verificando que esse acontecimento tem sido visto, em geral, como algo imprevisível. Estudo realizado com 120 adolescentes em um município do Rio de Janeiro confirmou outros trabalhos, ao constatar que 83,3% de sua amostra não haviam planejado a gravidez (Bhering et al, 1994).

Há outras preocupações associadas à sexualidade na fala das entrevistadas, entre elas destaca-se o uso da droga. O assunto, embora necessariamente não se relacione diretamente ao uso da sexualidade, igual ao caso da Aids, é referido, em geral, como um problema que concorre com o mau uso da sexualidade. Por outro lado, uma certa relação pode ser estabelecida se for considerado que tanto o mau uso da sexualidade como a droga podem ser respostas a prazeres desregrados ou a uma má administração dos desejos. Assim, há uma forte associação entre "*violência, drogas, sexo*" (Mãe 3). Uma avó expressa que é o que se têm "*medo hoje em dia, medo pelos netos.*" (Avó 4) As adolescentes também têm preocupações em serem influenciadas ao uso das drogas. Diz uma dela, "*se oferecerem eu não vou pegar.*" (Neta 1)

Discutindo o uso de droga entre as adolescentes, Zagury (1996) concluiu que 59,38% de seus entrevistados tomaram algum tipo de droga, excluídas a nicotina e cafeína, e 40,62% declararam que nunca tomaram nenhum tipo de droga. Esses dados reforçam a preocupação expressada pelas avós e as mães entrevistadas, uma vez que o problema está presente, de uma forma significativa, no interior da vida dos adolescentes.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção da fala acerca da sexualidade nas três gerações revela as influências de diferentes momentos vividos. A exemplo disso destaca-se o momento histórico vivido pelas mães, que assistiram aos movimentos de luta por uma maior liberação sexual, fazendo com que seu discurso se diferenciasse tanto em relação às falas de suas mães como as de suas filhas. Por conta disso, no nível do discurso, as mães enfatizaram que a sexualidade era um assunto bastante conversado com as adolescentes. Essa liberação sexual, tão criticada pelas avós, não chegou a predominar na fala das adolescentes. Uma explicação para isso se refere ao fato de essas adolescentes, por terem pouca idade, viverem um momento ainda a ser consolidado, em termos de maturidade e aprendizagem no campo da sexualidade.

Além dos momentos vividos, o espaço de vivência das mulheres entrevistadas também pode constituir um limite para a produção de suas falas. Pode-se argumentar que São Carlos é uma cidade do interior paulista que traz todo um quadro que a diferencia de uma grande metrópole. Isso de fato não pode ser desconsiderado. Entretanto, também não se pode desconsiderar que, atualmente, a mídia, com destaque para a televisão, faz com que os diferentes espaços passem a ter contato com universos bem diferenciados da sua própria realidade, neutralizando um pouco as diferenças, pelo menos no campo do conhecimento.

Junto às diferenças percebidas, há aspectos comuns nas três gerações quando se fala de sexualidade. A disciplinarização da sexualidade esteve presente nessas gerações, assumindo colorações diferentes. A definição do casamento como o espaço privilegiado do ato sexual, segundo algumas avós, a responsabilidade e o afeto como condição para o relacionamento sexual, para algumas mães e adolescentes, atestaram a necessidade de a sexualidade se inserir numa certa ordem permeada por valores morais.

Em se tratando da adolescência, percebe-se que a contemporaneidade, com seus acontecimentos muito influencia os padrões sexuais. Entretanto, nesses acontecimentos encontram-se aspectos do passado que são atualizados, a partir da ordem social. No que se refere a aspectos sexuais socialmente aceitos, Gomes (1996), em sua pesquisa com meninas que viviam na rua, constata a existência de valores tradicionais nas histórias de vida dessas meninas. O autor observa que há valores socialmente defendidos que são introjetados e há outros, também socialmente defendidos, que não são seguidos por todas as meninas. Ele concluiu que não há uma reprodução pura e simples, produzindo respostas mecânicas aos estímulos sociais. *“À primeira vista a reprodução mecânica pode ser observada mas, na medida em que se apura a observação percebe-se que há uma leitura e uma interpretação própria sobre os modelos e sobre a observância destes...”* (Gomes, 1996: 217)

O mesmo foi observado no presente estudo. As adolescentes pareciam, à primeira vista, repetir valores morais presentes nos discursos de suas mães e até mesmo de suas avós, relacionados, principalmente, à banalização do sexo. Entretanto, aprofundando mais a escuta, percebeu-se que suas falas traziam outra dimensão acerca do problema. A moralidade em torno da sexualidade girava muito mais em torno do afeto que em relação a preceitos previamente aprendidos.

Diálogo em torno de assuntos da sexualidade é outro aspecto que atravessa a fala das três gerações. Sob a ótica das avós, esse diálogo foi referido como algo que não existia e que existe atualmente. Concorrendo com esse diálogo entre pais e filhos, aparece a televisão que nem sempre ajuda a construir uma boa imagem sobre a sexualidade. No interior da fala das mães e das adolescentes, o diálogo já aparece como algo que ocorre. Interessante observar que uma das adolescentes manifestou a opinião que esse diálogo só deve ocorrer quando ela o desejar e não ser cobrada a dialogar.

Taille (1998) enfatiza que falar de si, de seus sentimentos, de seus medos, de seus desejos é bom, é um direito, mas alerta que cada um tem o direito de não falar de si, porque não há nada de mais invasor e autoritário que querer decidir, pelo outro, o que é certo ou errado sentir, o que é bom ou vergonhoso desejar. Esse fato indica a necessidade de se trabalhar estratégias de orientação sobre sexualidade com adolescentes; como realizá-la sem os perigos da invasão da intimidade.

No que se refere à promoção da saúde entre os adolescentes, o presente estudo aponta para a necessidade de se problematizar mais a questão de como promover a comunicação acerca da sexualidade com essa faixa etária. Uma das idéias para futuras discussões se refere ao fato de as jovens revelarem condições e limites para o uso da sexualidade. Mesmo que esse discurso traga um pouco de idealização, esse fato pode ser visto como um campo fértil para se promover ações voltadas não só para a fisiologia e a anatomia do aparelho sexual, mas também a construção de uma saudável sexualidade, em que o sujeito não seja reduzido a mero objeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BHERING, C. A.; BHERING, J. A.; MENDONÇA, E. G. Estudo descritivo e comparativo de adolescentes grávidas e seus conceitos no município de Barra Mansa-RJ. *Arquivo Brasileiro de Pediatria*, 1 (2): 47-52, 1994.
- CARNEIRO, H.; LADESSAL, E. C. L.; RODRIGUES JR., O. M.; VACCARI, V. L.; LERNER, T. Preocupações sexuais de mulheres adolescentes no Brasil. *Pediatria Moderna*, XXXIII (8): 645-653, 1997.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993 (biblioteca básica).
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisa: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa, p. 67-80. In MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GOMES, R. *O corpo na rua e o corpo da rua: a prostituição infantil feminina em questão*. São Paulo: Unimarco, 1996.
- GOMÉZ, E. G. Introducción. In: GOMÉZ, E. G. (org.). *Gênero, mujer y salud en las americas*. Washington: OPS/OMS, 1993 (publicação científica, 541).
- HELMAN, C. G. *Cultura, saúde e doença*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1992.
- STEVENS-SIMON, C.; KAPLAN, D. Tendências da gravidez na adolescência: qual o rumo, quando e porquê? *Pediatrics*, 3 (3): 175-177, 1999 [edição brasileira].
- TAILLE, I. de L. Ética e sexualidade: pauta para reflexão. *Entretextos Entresexos*, 2: 55-69, 1998.
- VAITSMAN, J. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- VELHO, G. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ZAGURY, T. *O adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Record, 1996.